

# PERCURSO FIGURATIVO E PERCURSO TEMÁTICO: O DISCURSO LITERÁRIO EM *OS DESVALIDOS*

SANTOS, Luiz Carlos Gomes dos.  
luizletras@yahoo.com.br

SANTOS, Josane Cristina Batista. (orientadora)  
Graduada em Letras e História, Mestre em Literatura Brasileira e Professora dos  
Cursos de Letras e História da Unit

## RESUMO

Percurso Figurativo e percurso temático: o discurso literário em *Os Desvalidos* tem como proposta evidenciar os recursos semânticos figuras e temas presentes na obra e como eles são utilizados por *Francisco Dantas* na construção do sentido de decadência, o que vai caracterizar um discurso realista. No primeiro momento, situaremos Francisco Dantas e sua produção no âmbito nacional. Em seguida, apresentaremos o referencial teórico, que é o modelo de entendimento do discurso de *José Luiz Fiorin*, o percurso gerativo de sentido. Depois faremos uma mostra do percurso, expondo os planos abstrato e concreto e os níveis fundamental, narrativo e discursivo, todos eles parte integrante do percurso, junto com algumas noções e conceitos, como valores, conjunção e disjunção. Logo após explanamos acerca do conceito de isotopia, e por fim, fizemos a análise.

**Palavras-chave:** tema, figura, sentido, desvalidos e decadência.

## **PERCURSO FIGURATIVO E PERCURSO TEMÁTICO: O DISCURSO LITERÁRIO EM *OS DESVALIDOS*.**

Neste artigo será desenvolvido um estudo de como os elementos figuras e temas e seus respectivos percursos, concretizam o esquema narrativo abstrato do romance *Os Desvalidos* de Francisco Dantas e também, como esta concretização define o sentido de decadência.

A nossa análise parte estritamente do texto, a nossa interpretação é fundamentada nele, e não no extra-texto. Quando mencionarmos ou utilizarmos este caminho, estaremos, mesmo assim, fazendo uma reflexão que partirá e/ou nascerá do texto.

A nossa preocupação não é tanto com o mundo abstrato instituído por Francisco Dantas, mas, sobretudo, como este universo é materializado, como ele é expresso. Estamos nos apropriando de temas e figuras enquanto recursos semânticos discursivos que concretizam a narrativa.

Queremos deixar pontuado também, que não pretendemos discutir os vários sentidos que estão nas linhas e nas entrelinhas do romance, até porque dado o caráter polissêmico dos signos e também devido a amplitude semântica da obra, tal investitura romperia os limites deste trabalho, portanto focaremos apenas o sentido de decadência, de fim.

Segundo *José Luiz Fiorin*, figura é o termo que remete a algo existente no mundo, ou seja, é todo conteúdo de qualquer língua ou de qualquer sistema de representação que tem correspondente perceptível no mundo natural e/ou construído. Quanto a tema, é um investimento semântico de natureza puramente conceitual, que não remete ao mundo natural. É uma categoria que organiza e ordena os elementos do mundo.

Ambos os elementos são maneiras, modos de concretização do sentido (o tema reveste a narrativa e a figura, o tema), por isso, o que nos interessa é deixar claro quais são os temas e as figuras presentes na obra e como elas, enquanto lugares de manifestação, concretizam os sentidos que emanam da obra, num movimento que vai do concreto ao abstrato e vice-versa.

Portanto, os conceitos apresentados por *José Luis Fiorin*, em *Elementos de Análise do Discurso*, darão suporte teórico nesse embrenhar-se na obra do sergipano Francisco Dantas.

Entender como, no nível discursivo/textual, que é o lugar da expressão de sentidos, da materialização de esquemas abstratos, uma obra organiza-se, apresenta-se, nos permitirá, também, identificar algumas escolhas discursivas de Francisco Dantas.

*Os Desvalidos*, louvado pela crítica como um dos melhores romances brasileiros de final de século XX, dá margem, devido a sua vastidão e complexidade, para vários caminhos investigativos. Entretanto, o que se tem observado na maioria das pesquisas é que os olhares recaem, sobretudo, sobre idéias que a obra suscita e os traços de similaridades, em termos de escrita, que Francisco Dantas mantém com o escritor mineiro João Guimarães Rosa – dados que não serão descartados.

*Os Desvalidos* sob o tema, *Percurso figurativo e percurso temático: o discurso literário em Os Desvalidos*, aqui ganha um olhar diferenciado: um olhar que percorre os níveis abstrato e concreto.

Para tal investidura, é preciso trilhar um caminho e o que nos parece óbvio é: recortar, comentar, analisar e formar um quadro com os temas e as figuras que compõem o percurso (encadeamento). Com isso, poderemos evidenciar quais as figuras e os temas que concretizam a narrativa e que contribuem para o estabelecimento dos sentidos.

Esperamos com estes procedimentos chegar a dados que possam ser apresentados, comentados e interpretados e que se abram novas discussões acerca do romance e do autor em questão.

Falar em Francisco Dantas, natural de Riachão do Dantas, Sergipe, é trazer à tona temas que lhes são caros como sertão em decadência, relações de exploração do homem pelo homem, memória, (e que críticos cravam com o signo do regionalismo, mas que o próprio autor diz que, antes de tudo são universais). Ele retoma estes temas com muita propriedade e de maneira expressiva, e junto com ele, a linguagem, que em suas obras é fruto de um árduo trabalho. É sobre estes dois aspectos que Dantas se destaca e se firma no cenário da literatura nacional, a ponto de ganhar o Prêmio Internacional União Latina de Literaturas Românicas, do ano de 2000, pelo conjunto dos seus três primeiros romances: *Coivara da Memória* (1991), *Os Desvalidos* (1993) e *Cartilha do Silêncio* de 1997.

Na contracapa do romance *Os Desvalidos* a revista *Veja* pronuncia-se assim sobre o escritor e sua prosa: “o milagre de resgatar um estilo dado como morto e fazê-lo ressurgir com vigor de novidade confirma Francisco Dantas como uma das boas e raras novidades da literatura brasileira”.

Joseph Abraham Levi, diz que em *Os Desvalidos* e *Coivara da Memória*, Dantas “explora o ambiente em forma de metáfora: a do espaço-geográfico como chão regional, tipicamente nordestino, e a do terreno literário brasileiro em senso lato, onde a voz popular se mistura à experta mão narrativa do escritor”. (HISPANIA – 2000).

São críticas que vão ecoar e confirmar o autor como uma das gratas surpresas da literatura nacional e também revelar suas duas maiores preocupações: o sertão e a linguagem.

É importante destacar que as escolhas temáticas de Dantas, confundidas com o regionalismo de 30, não são marcadas pelo estigma do pitoresco que é característico de alguns romances regionalistas da Geração mencionada. Acerca deste aspecto, Antônio Donizeti Pires afirma em seu trabalho, *Coivaras, palimpsestos e novas lavouras*, que os romances de Dantas:

Afastam-se da estrita ideologia que movera grande parte dos romancistas de 30; visam à investigação da vida humana em termos de conflitos, sobrevivência, cultura; procedem à investigação existencial, não se contentando com o pitoresco exótico; apresentam maturidade de expressão, tais fatores, somados, lhes garantem plena universalidade. (2005. p. 06).

A passagem é enfática, que diferentemente, Francisco Dantas abrirá caminhos e atingirá o universalismo dos temas e, sobretudo, a maturidade da e na linguagem. Este último aspecto lhe renderá comparações com Guimarães Rosa. Acerca do “Regionalismo” e da influência de Guimarães Rosa em sua literatura, Dantas posicionou-se assim, em seu depoimento: *A Lição Rosiana...*, lido no encerramento do II Seminário Internacional Guimarães Rosa, realizado pela PUC Minas, Belo Horizonte, agosto de 2001:

A lição mais cara e inestimável que assimilei deste escritor (Guimarães Rosa) tão universal,... foi a de que a literatura tem de se abastecer nas raízes do contexto de formação do próprio escritor. Que só podemos escrever exuberantemente quando nos abandonamos e abrimos os ouvidos às forças inconscientes que nos rodeiam e alimentam nossa formação.

Portanto, a retomada de temas que superam o pitoresco e chegam a níveis de universalidade e o trabalho apurado com a linguagem são marcas e contribuições deste escritor.

## **PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO: UMA TOMADA DE POSIÇÃO E UM LIMITE**

O que é que define o sentido ou os sentidos de uma obra, se não a própria escrita, se não a forma, concatenada, articulada, organizada de dispor os elementos sintáticos e semânticos que a

compõem? O sentido ou os sentidos são resultados desta organização, pois é ela que o gera, o que significa afirmar que o sentido está no texto, é engendrado pelo mesmo, e não pelo extra-texto. Tal entendimento é uma tomada de posição que caracteriza e define este trabalho.

Tal posição tem sua gênese no percurso gerativo de sentido de *José Luiz Fiorin* e nele se apóia.

Vejamos como *José Luiz Fiorin* define e entende este modelo de produção de sentido:

esse modelo mostra ... que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma **articulação** dos **elementos** que o formam – que existem uma **sintaxe** e uma **semântica** do discurso. (FIORIN, 2005, p.44).

Fica clara a importância da organização, da concatenação dos elementos sintáticos e semânticos no estabelecimento de sentido.

Os sentidos estão no plano da imanência, do conteúdo de todo texto. E é justamente este abstrato, porque o conteúdo é abstrato, que é concretizado, revestido, e assim tem que ser porque se não morre. Todo sentido deve ser materializado, isto lhe garante exposição, veiculação. Ao ser materializado, é manifestado, expressado, exposto. Temas e figuras são categorias semânticas e duas maneiras desta concretização.

É preciso deixar claro como concebemos o conceito de sentido. Não queremos entrar na discussão acerca deste, porque não é nossa intenção, mas apenas entendê-lo como idéia, conteúdo do texto.

## **OS TRÊS NÍVEIS DO PERCURSO: O TODO DA PRODUÇÃO DE SENTIDO**

O percurso gerativo de sentido é um caminho que parti do nível mais simples, abstrato ao mais complexo e concreto. Nesse percurso distingue-se o plano da imanência, que é o do conteúdo

(abstrato), o da expressão (concreto), e o da manifestação, que é a união do plano do conteúdo com os vários planos da expressão.

Relativo ao percurso gerativo de sentido há ainda de se considerar três níveis, ou seja, três patamares que o compõe. Há de se ressaltar que todos eles apresentam um componente sintático e um semântico.

O primeiro é o nível fundamental e está no plano da imanência. É o momento inicial do percurso e caracteriza-se pelo seu caráter abstrato. É o nível mais profundo e está na sustentação do texto. É onde, semanticamente, percebemos relações de oposição. N’*Os Desvalidos*, dentre tantas, teremos como principal par de oposição **vida x morte**. Esses pares ainda ganham valores positivos que recebem a denominação de **eufóricos** e negativos que são chamados de **disfóricos**. A instituição desses valores depende da conjuntura da narrativa. Por exemplo, a morte de Lampião teve valor eufórico para uns e disfórico para outros. “Tomara, meu deus, tomara” (p, 11). Fala de Coriolano após ter recebido a notícia da morte do “satanás”, portanto tendo valor eufórico. Para outro personagem o fim do “satana” terá valor disfórico, é o caso de Chico gabiru. Ele pronuncia-se assim: “agora tudo anda pra pior!” Não há mais quem puna pelo pobre! (p, 14). A categoria semântica do nível fundamental deve dar sentido ao conjunto de elementos do superficial.

Na esfera sintática deste primeiro nível temos os pares negação e asserção. Ainda no romance em questão temos, a todo momento, a negação da vida e a afirmação da morte.

Em síntese, semanticamente, temos algo versus algo no sentido de oposição e os valores positivos e negativos de ações e situações; e sintaticamente, temos a afirmação e a negação de algo.

Numa análise da narrativa em termos semânticos, é necessário operacionalizarmos com alguns conceitos que vão nos dar norte, que vão nos dar chão, para o entendimento de como ela é

construída. Para isso é preciso se apossar da idéia de que nos textos há esquemas narrativos. Estamos nos referindo ao segundo nível, o narrativo.

Neste nível, no componente sintático vamos encontrar os enunciados. Segundo *José Luiz Fiorin* vamos ter dois tipos de enunciados:

1 - os de estado, onde se opera com os pares conjunção e disjunção. As personagens *d'Os Desvalidos* são marcadas pela disjunção com a vida e, por conseguinte, conjunção com a morte;

2- os de fazer, momento em que se evidencia a transformação, a mudança de um estado a outro.

Conforme o enunciado, narrativas mínimas são estabelecidas:

1 – de privação – estado inicial conjunto (com a vida ) e um estado final disjunto ( com a morte);

2 – de liquidação da privação – o contrário do de privação.

Dentro desta conjuntura, a narrativa ainda apresenta quatro fases, podendo elas ocorrerem ou não.

1 – manipulação – que é quando o sujeito age sobre o outro. Este sujeito pode ser personagem ou não. No romance de Francisco Dantas teremos, por exemplo, existencial, o homem, o sertão, sentimentos, como grandes e presentes sujeitos;

2 – competência – quando o sujeito tem saber e/ou poder;

3 – performance – fase em que se dá a transformação central da narrativa (mudança de um estado a outro). O fim que vai sendo estabelecido e que vai provocando solidão, loucura, e que no final descamba para a morte real e em vida, é a transformação cerne da narrativa;

4 – sanção – é a constatação de que a performance se concretizou e o reconhecimento do sujeito que é feito com penas/castigos ou prêmios.

Já semanticamente, teremos os objetos como depositários de valores, ou seja, a atenção agora é com os valores que os objetos têm. Há dois tipos de objetos:

1 - os modais: o querer, o dever, o saber. São necessários para realizar as performances e também para obter outro objeto;

2 – os de valor – são os que entram em conjunção ou disjunção na performance principal. É aquele cuja obtenção é o fim último de um sujeito.

É necessário recorrer a todas essas categorias porque são elas que engendram a rede narrativa, e é justamente este esquema que é revestido pelos recursos discursivos figuras e temas.

Por fim, temos o nível discursivo. Os elementos deste nível dão concretude ao nível narrativo abstrato. Logo, figuras e temas pertencem a ele. É o instante onde percebemos quais os sujeitos que operam as grandes mudanças de estado, como acontecem as conjunções e disjunções, ou seja, é o estágio do visível, é o momento em que os níveis anteriores ganham roupagem.

Portanto, sentidos são instituídos nestes e a partir destes três patamares. Percebe-se também que é um caminho coeso, que é um percurso que tem uma coesão textual e semântica, e que todos eles apresentam uma sintaxe e uma semântica, que concatenados engendram, produzem sentidos.

## **ISOTOPIA**

Quando mencionamos percurso estamos nos remetendo a caminho, a uma cadeia de figuras e temas que têm por necessidade estruturante e de estabelecimento de sentido ser iguais e manter-se retas. É a isotopia que tem a função produzir e manter esta coerência, este concatenamento. Como?

Isotopia, segundo *José Luiz Fiorin*, é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do texto, logo, ela tem a função de manter as coisas do percurso, no caso temas e figuras, sempre em evidência. É justamente esta característica “repetitiva” que nos permite depreender do texto determinados sentidos e não outros.

O percurso precisa ser cravado de figuras e temas que estão numa mesma idéia, que estão numa mesma cadeia semântica. Só se é possível entendermos que há uma atmosfera de fim de coisas *n’Os Desvalidos* porque tal aspecto é reiterado a todo momento. Por isso que na investigação do sentido há de se considerar figuras e temas em cadeia e não isoladamente. Temas e figuras soltas não dizem muita coisa. Portanto é esta recorrência que possibilita tal entendimento. É o texto que cria seu contexto.

### **TEMAS E FIGURAS: ALGUMAS ESPECIFICIDADES**

Antes de adentrarmos na análise é preciso deixar claro que há textos predominantemente figurativo ou temático, isto é, nem sempre há correspondências de figuras para todos os temas. Toda narrativa terá temas que a reveste, mas nem sempre os temas serão figurativizados, isso porque, figura é um patamar de concretização que está depois dos temas. O que há é preponderância. *Os Desvalidos* é um texto temático, entretanto, é possível observarmos algumas figuras, principalmente, configuradas nas características das personagens/desvalidos e do espaço/sertão.

Porque personagens trazem temas neles embutidos e suas características físicas, psicológicas e sociais são figuras que revelam temas:

As pessoas..., os espaços e os tempos projetados pela sintaxe discursiva podem ser tematizados e figurativizados. Tematiza-se uma pessoa com papéis como pai, professor .... Em seguida, essa pessoa será figurativizada, quando ganhar um nome, características físicas e psicológicas. Um espaço... será tematizado quando representar valores abstratos como lugar da liberdade... Será figurativizado quando for descrito com todas as suas propriedades. (FIORIN, 2005,p. 101 e 102).

Quando o narrador vai traçando ao longo da narrativa os aspectos físicos do espaço e físicos, psicológicos e sociais das personagens, ele vai criando o percurso.

Outra questão importante é que as figuras podem combinar-se para se obter um determinado sentido. O caso mais evidente de combinação e que aqui serve às nossas intenções e que também contribui de maneira significativa para a construção do sentido aqui perseguido é a de animalização. Tal recurso ocorre, segundo *Fiorin*, quando “há a combinação de traço animado não humano, com elementos que apresentam traço humano”.

Vejamos algumas passagens com algumas figuras que compõem o percurso deste tema, e logo a seguir veremos como alguns temas são postos, suscitados e depois veremos, de forma sintética, um quadro com figuras e seus respectivos temas, todos eles exercendo sua função na produção do sentido de morte, de fim.

### UMA ANÁLISE

“... destino de **verme perebento e aleijado**, ...” (p. 128).

O verme perebento e aleijado é o Coriolano.

“assim pensa Zerramo, ... e todo **bicho** acuado que arreganha as unhas pra cobrir a vida na hora das morte”. (p. 128).

“... desta condição desfavorável de **passarinho** (Coriolano) que aguarda o **gavião** (Lampião) para uma morte cruenta dentre garras”. (p. 130).

“... **rês** perdida e tresmalhada no seu próprio posto de nascença. (p.132). Coriolano na estalagem com medo do satanás do Lampião.

“são quatro **bichos corridos**, quatro viventes marcados” (p. 147)

“... prejudicado da vista **como um teiú**...”. p. 86

Observe que temos a todo momento a figura de bichos mantendo laços similaridade ou comparação com os personagens. Ainda temos o narrador constantemente referindo-se à pele de Coriolano como couro e quem tem couro é bicho:

Pode-se dizer que o recurso da combinação de figuras traduz este universo de desconfiguração do ser humano. Há, pois todo um trabalho para se produzir e dizer que tais condições são inumanas. Observe que as passagens são muitas, o que nos possibilita entender este sentido e não outro. É notória tal investidura porque a todo momento isto está sendo posto, repetindo-se ( isotopia).

Isso evidência como *Francisco Dantas* vai construindo este universo através deste recurso.

Esta é a condição decadente de Coriolano e os demais “bichos”, “... são destroços de alguma ventania que passou, rebotalhos, sombras, sobreviventes”. (p. 82), e é assim que se pronuncia o narrador (Francisco Dantas). As comparações e as associações a bichos é mais uma forma, um recurso, para marcar este fim que acontece, sobretudo em vida. Portanto, é o recurso da animalização que também estabelece o sentido de decadência, de fim. É o homem que se torna bicho, que é animalizado.

Como o texto é temático, Francisco Dantas é bem efusivo em alguns temas como o espaço/sertão, violência e fragmentação do ser, e que apresentam algumas figuras. Acerca deste último veremos no quadro sintético.

“**lugar** desvalido este aribé”. (p. 162)

Lugar onde se sente a todo momento a “inhaca da **morte**”. (p. 165)

“tirar desta **terra** o frugal sustento, não era coisa tão fácil...” (p.160)

“**aqui** mais perto, um rebanho de famintos se arrastam em molambos na estrada”. (p. 163).

“ o bando de Lampião e a volante do governo deram pra essa zona do Aribé. Enquanto se perseguem e se **chacinam** em porfiadas ..., vão **esfolando a região**, a saque, morte e desonra, ... **furam olhos, arrancam unhas, ...**” (p. 125. ). Tema da violência e as figuras em negrito. Observem como elas mantêm os mesmos traços semânticos: chacina, esfolar e furar.

É visível também nessa descrição a imagem do inferno que é o sertão de Francisco Dantas. Ele “bate uma foto” do clima, do aspecto, do universo de fim de coisas, de vidas e de sentimentos. É o tema do espaço/sertão como lugar de morte, e com um agravante, a morte de muita gente.

Outras passagens reforçam este aspecto:

“ a este infeliz desprecatado, **morto-vivo ou vivo-morto**, ...” (p. 128).

“ .. tio Filipe reconhece que devido à **estiagem** ... e aos **tiroteios** ..., o rancho do sobrinho está no **fim**”. (p. 135). É um eterno caminhar para a morte.

“Coriolano agrupa as últimas forças para se agarrar a esta estalagem, soltando o governo da voz ..., num **tom de luto** e de estremecimento, como quem se despede e caminha para a **morte**”. (p. 137).

Dentro deste grande espaço temos a figura da casa que representa o lugar de encontro com a morte e com o medo.

“... é o ponto mais certo onde os viajantes **esbarram** uns nos outros...”. (p.168)

É importante observar que ela fica numa **encruzilhada**. A figura da casa como espaço de celebração da morte e a figura da cruz, símbolo também de morte.

Portanto, são espaços de encontro com a morte, lugares de morte, símbolos de morte.

O encurralamento, também, de Zerramo e Coriolano na antiga casa (p. 125 e 126), significa, porque enquanto estão lá presos eles sofrem o processo de decadência. Ambos sofrem com a iminência da chegada do bando e ao cabo com o fim/morte de Zerramo.

Ainda sobre o constante contato com a morte, vamos encontrar figuras do tipo:

“... viraram duas **sombras** especadas que se armam...” (p. 127).

É enfática e explícita (até por ser um texto temático) a frase, no tocante ao fim em vida, que é mais trágico que o fim real.

São personagens que estão sempre vivendo a iminência da morte que é o desfecho da vida. Estão sempre se esbarrando ao fim.

São raros os momentos de festa, de alegria, e quando ocorrem, os fins são marcados por tristezas e/ou perdas.

Alguns sentimentos também dão materialidade a este universo de apertos, de dores: agonia, melancolia, são passos da morte.

“... a **agonia de morrer** é uma só.” (p.128).

“... rende a rede no vaivém, emparceirada com sua **melancolia**” (p. 131).

Portanto, as figuras dos aspectos físicos e psicológicos constituem o universo, a atmosfera de fim, de morte, estabelecendo assim, o sentido de decadência, de fim.

## QUADRO SINTÉTICO

Vejamos mais algumas figuras e temas que compõem o percurso e como eles auxiliam na construção do sentido da decadência e de fim.

TEMAS	FIGURAS	COMENTÁRIO
Morte/decadência/fim da vida	Morte do cavalo, Carnegão, tumor, dor, a	Todas as coisas, personagens e ações

	<p>erisipela, doenças, feridas; mofo e pingueira na moradia, fedor na sala, tarraxa, (Coriolano permanece atarraxado), Coriolano tem lombo, não tem costas, a corcunda, o reumatismo,</p>	<p>ganham tons de morte, de tragicidade, de estágio de decadência.</p>
Fragmentação do ser	<p>“Como encaixar no suplicante (Coriolano) algum remendo de força ...” (p. 135). Viagens pelo sertão.</p>	<p>São personagens despedaçados, fragmentados, mas que procuram a qualquer custo se reconstituírem. Seja nas viagens ou tentando escrever. São personagens que precisam de remendo.</p>
Negação da vida e disjunção com ela. A pequenez de suas existências.	<p>Os prefixos de negação e os sufixos de diminutivo: in, não, anti, dê, inho; fraquinho, povinho, desvalido, desandança.</p>	<p>Não consegue escrever, não tem valor, vivem em desandanças, desventuras.</p>

<p>O fado/destino/a sina: a exploração do homem pelo homem que também provoca morte.</p>	<p>Os coronéis, o progresso.</p>	<p>Assinala que o fado, a sina do humano é ruir, cair, morrer. Por que assim é posto, o ser humano jamais cessará em destruir o outro, nós jamais deixaremos de ter gosto de dominar o outro, de usurpar a vida do outro, de eliminar.</p>
<p>SERTÃO</p>	<p>ESPAÇO: seco, fedorento, a casa, a pensão.</p>	<p>Lugar de doentes e infelizes, de escravos, de intensas relações de poder, de fim.</p>
<p>Vida</p>	<p>Titica de galinha</p>	<p>Não tem valor. E mais uma vez a presença de um elemento de bicho.</p>
<p>Memória</p>	<p>Vozes mortas (morte)</p>	<p>A presença da morte.</p>
<p>Desestruturação da família</p>	<p>Como Coriolano era o caçula e fraquinho, daí em diante virou saco de pancada. p. 144</p>	<p>Desestruturação de Coriolano/ser que é provocada pelo sistema explorador, que mata.</p>

	Despotismo do pai (e do sistema)	
--	-------------------------------------	--

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Podemos perceber que os sentidos afloram das possibilidades engendradas pelo próprio texto, que é construído de maneira concatenada.

A utilização de figuras e temas, no nível discursivo, constrói este universo rude, feio, morto e deixa perceber como tal construção aponta para o sentido de queda, de fim proposto pelo autor. Ainda há a morte real ou em vida, porque eles morrem aos poucos, numa cadência e numa toada só. O que nos faz pensar como Dantas concebe o sertão (literário). Porque sua prosa é realista e devido a isto tais elementos são retratos “fiéis” da realidade. É sob este signo da perda, do trágico, do fim, da morte que é construída a narrativa.

De maneira geral ficou claro também que figuras e temas se seus respectivos percursos são recursos semânticos que contribuem para o estabelecimento de sentidos.

Pode-se se notar também a importância da recorrência, isotopia, porque as coisas são construídas com palavras. Porque o texto é construído com palavras que se arrumam, ou melhor, que são arrumadas, que são encadeadas num jogo organizacional/textual.

O texto é este levantar-se das palavras e de recursos semânticos que organizados e relacionados engendram sentidos.

Para criar este universo de morte, de fim, de decadência, Francisco Dantas jamais poderia escrever: e a volante vai ao sertão levar comida. E se assim fizesse, o entendimento é de que ali, naquele espaço narrativo, as relações que se quer construir é de solidariedade, e não de chacina. A não ser que fosse um texto que utilizasse ironia, que não é o caso.

Portanto, não cabem esperanças neste mundo que é o sertão de *Francisco Dantas*, porque pessimista, cru, realista, e o recurso de figuras e temas, enquanto elemento de construção de sentido, contribuíram de maneira significativa para tal.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Obras Consultadas:**

- BARROS, Diana Luz de & FIORIN, José Luiz (orgs). “Polifonia textual e discursiva” In: **Dialogismo, Polifonia e intertextualidade. Ensaios de cultura.** 7. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- DANTAS. Francisco J. C. **Os desvalidos.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 13. ed. rev. amp. São Paulo: Contexto, 2005.

#### **Sites Consultados:**

COSTA, Marta Morais da. **O destino desenha a desumanização em Os Desvalidos**. [on line]

Disponível na internet via WWW.URL:<http://humanas.ufpr.br/delin/revista-letas/revlet43.htm> – 21 k. Arquivo capturado em 13 de janeiro de 2007.

LEVI, Joseph Abraham. **Cartilha do silêncio**. Net, São Paulo, 2000. Seção Recensão Crítica.

Disponível em: <<http://www.geocities.com/collegetpark/library/8945/dantas.html>>. acesso em: 20 de janeiro de 2007.

PIRES, Antônio Donizeti. **Coivaras, palimpsestos e novas lavouras**. [on line] Disponível na internet via WWW.URL: <http://uel.br/ech/pos/letras/terraroja>.